



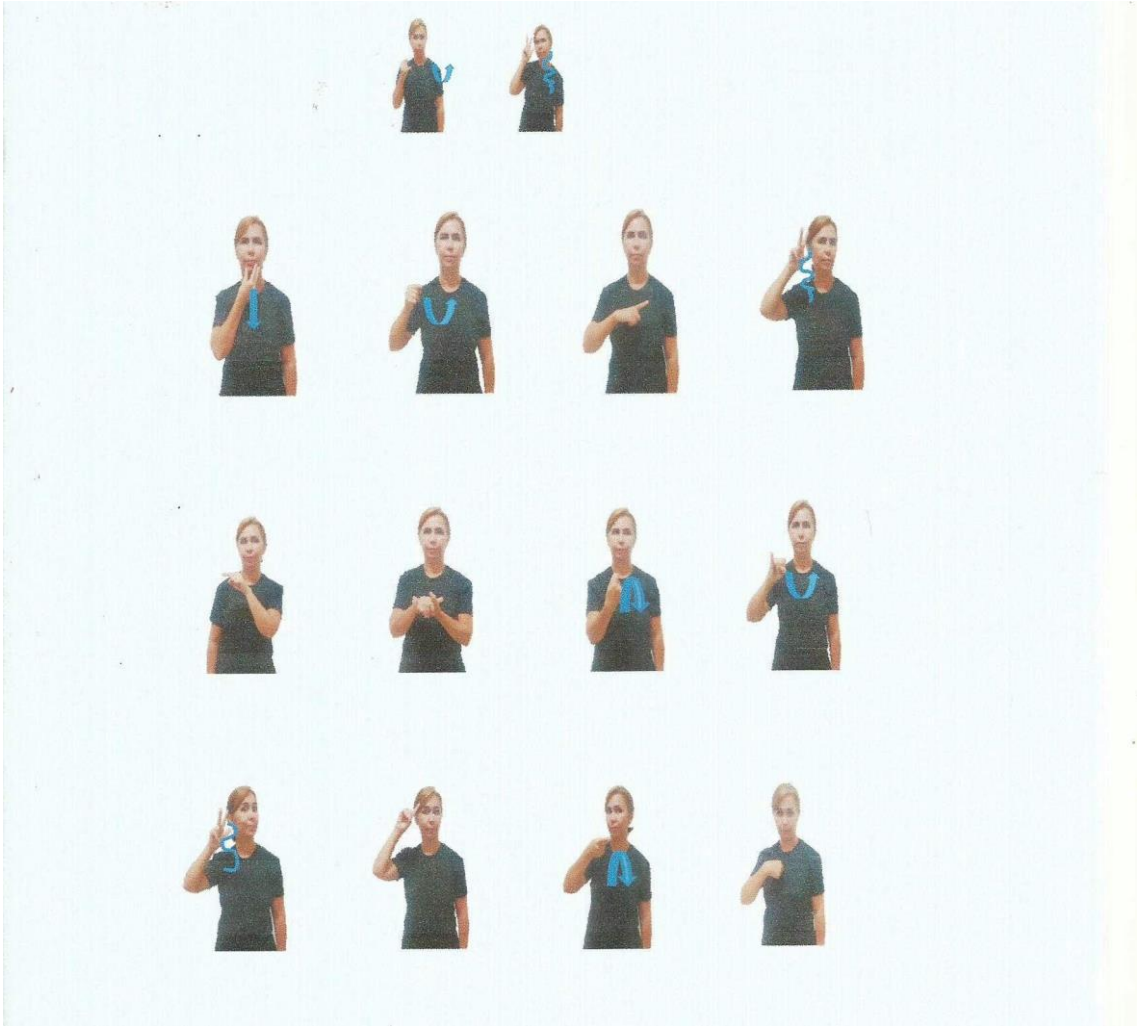
**JOSÉ ESPERTO<sup>1</sup>**

**TRADUÇÃO PARA LIBRAS SINALIZADA DO CONTO POPULAR *JOSÉ*  
*ADIVINHADOR*  
TRANSLATION FOR SIGNED LIBRAS OF THE FOLK TALE *JOSÉ* *ADIVINHADOR***

Traduzido por: Sandra Maria Diniz Oliveira SANTOS  
Professora de Libras da rede Municipal de Ensino de João Pessoa-PB  
Tradutora/interprete de Libras  
Mestra em Letras – UFPB/PPGL/Estudos Semióticos  
[sandradinizz@hotmail.com](mailto:sandradinizz@hotmail.com)

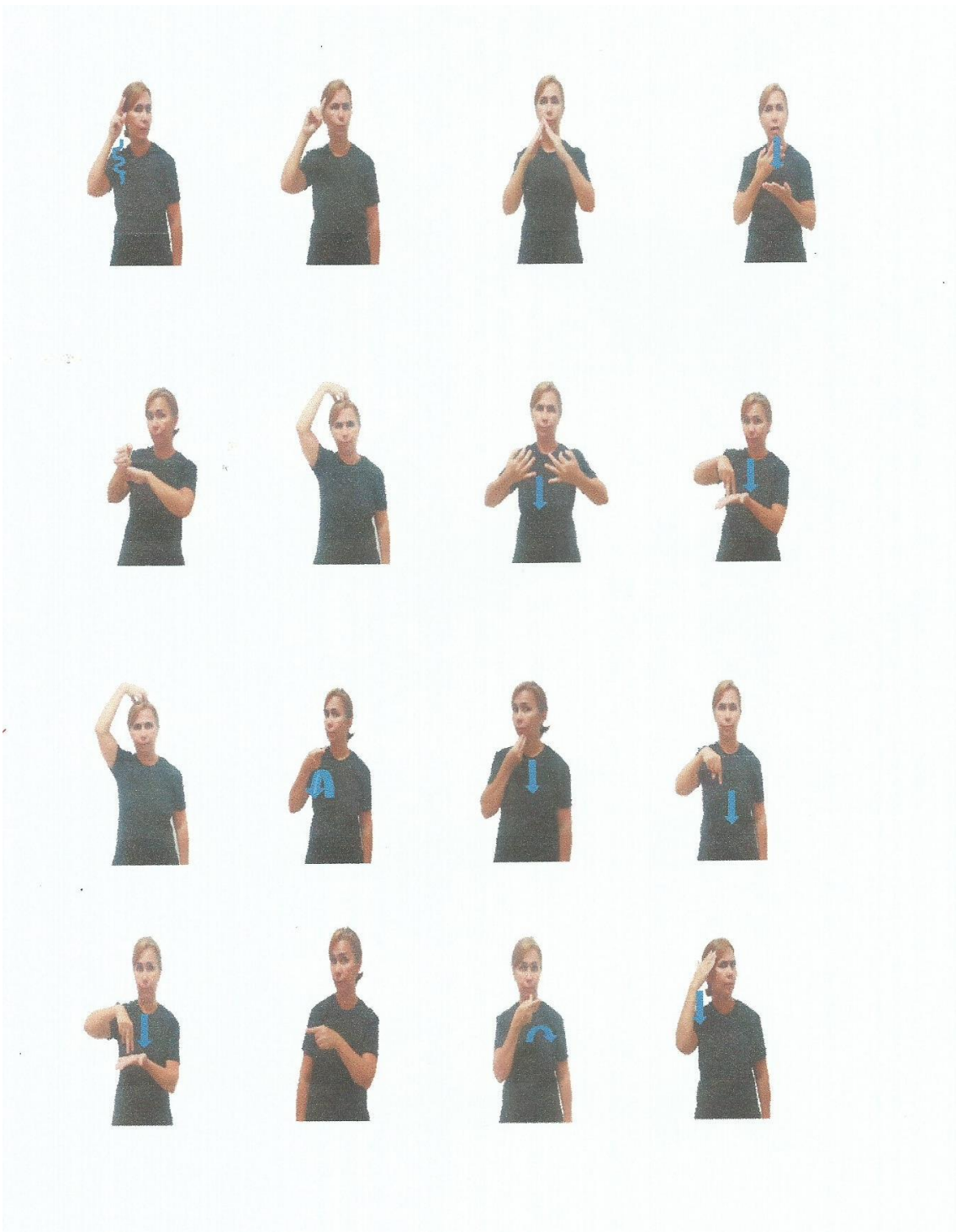
---

<sup>1</sup> O termo Adivinhador, em virtude de ser desconhecido pela comunidade surda de João Pessoa, que referendou a tradução, foi substituído por ESPERTO. Assim, José Adivinhador recebeu o nome de batismo J+ o sinal de esperto.

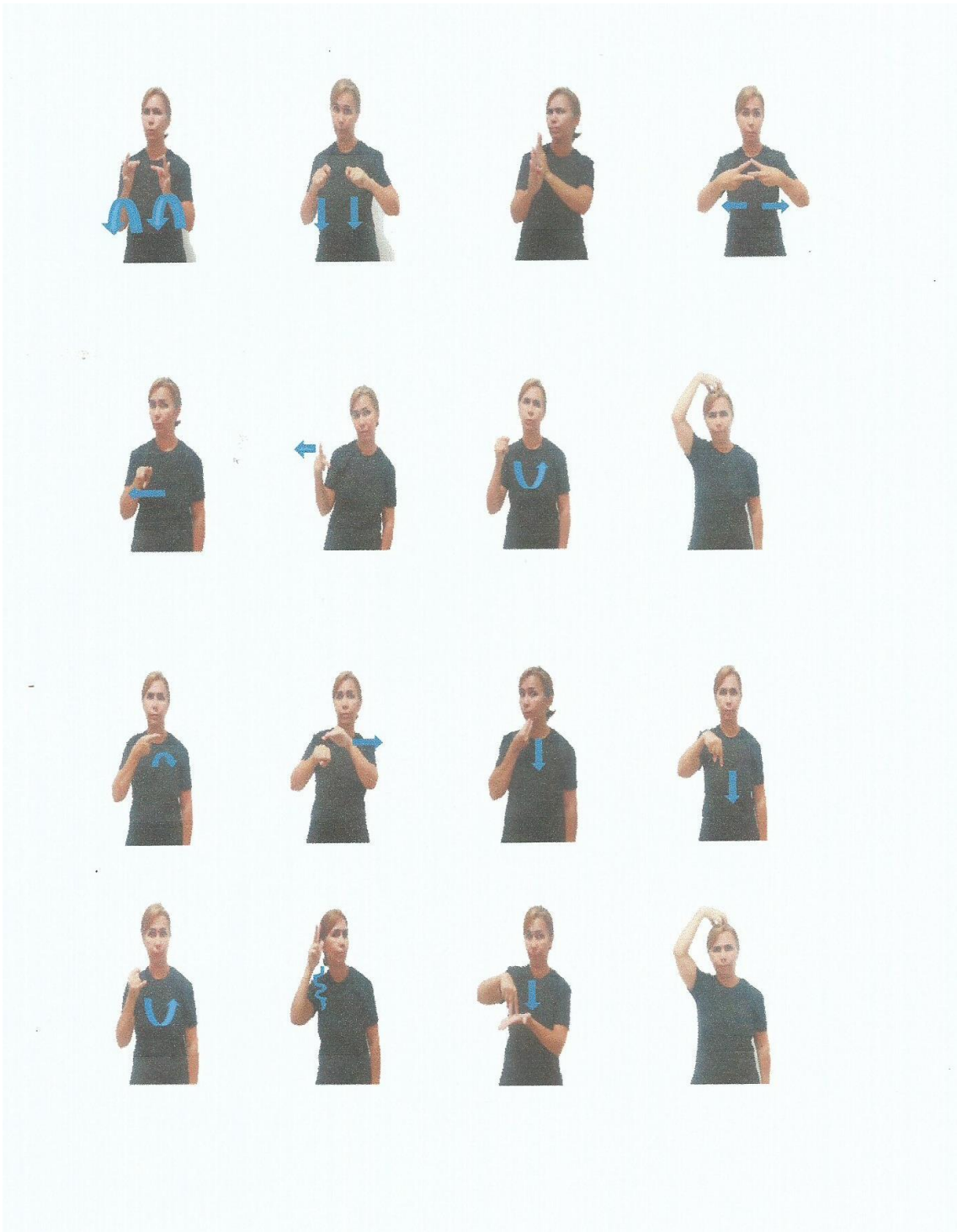




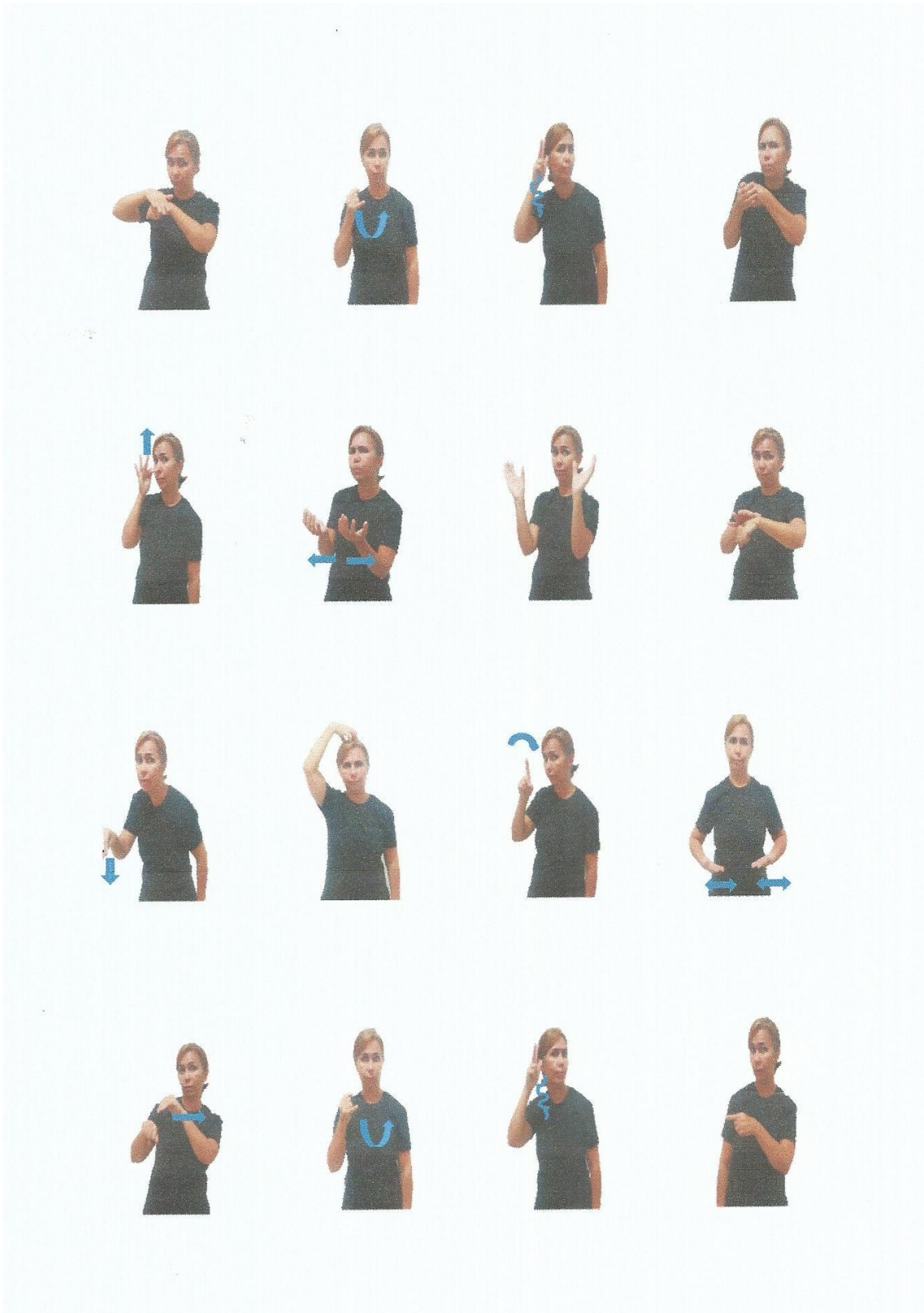




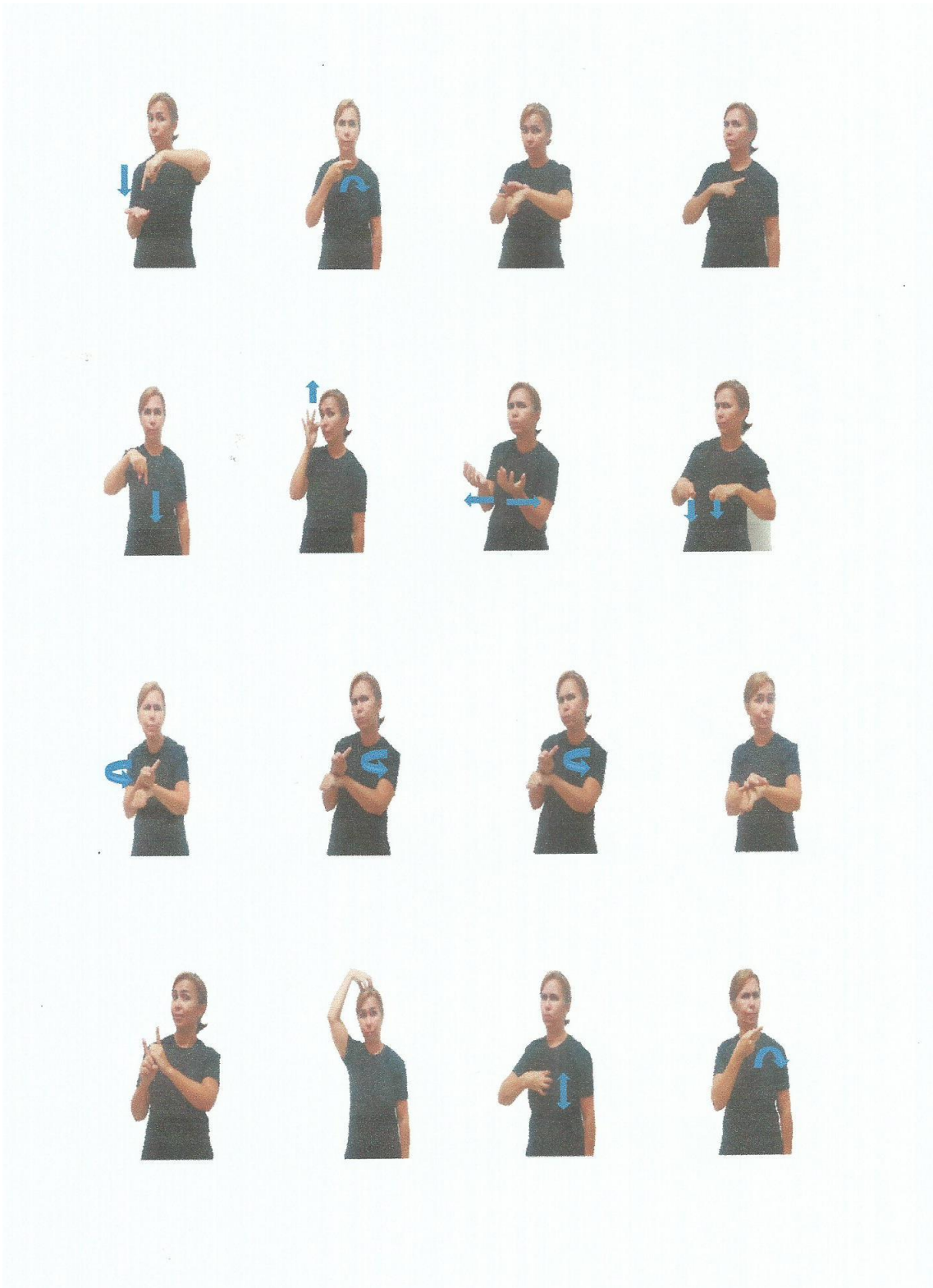


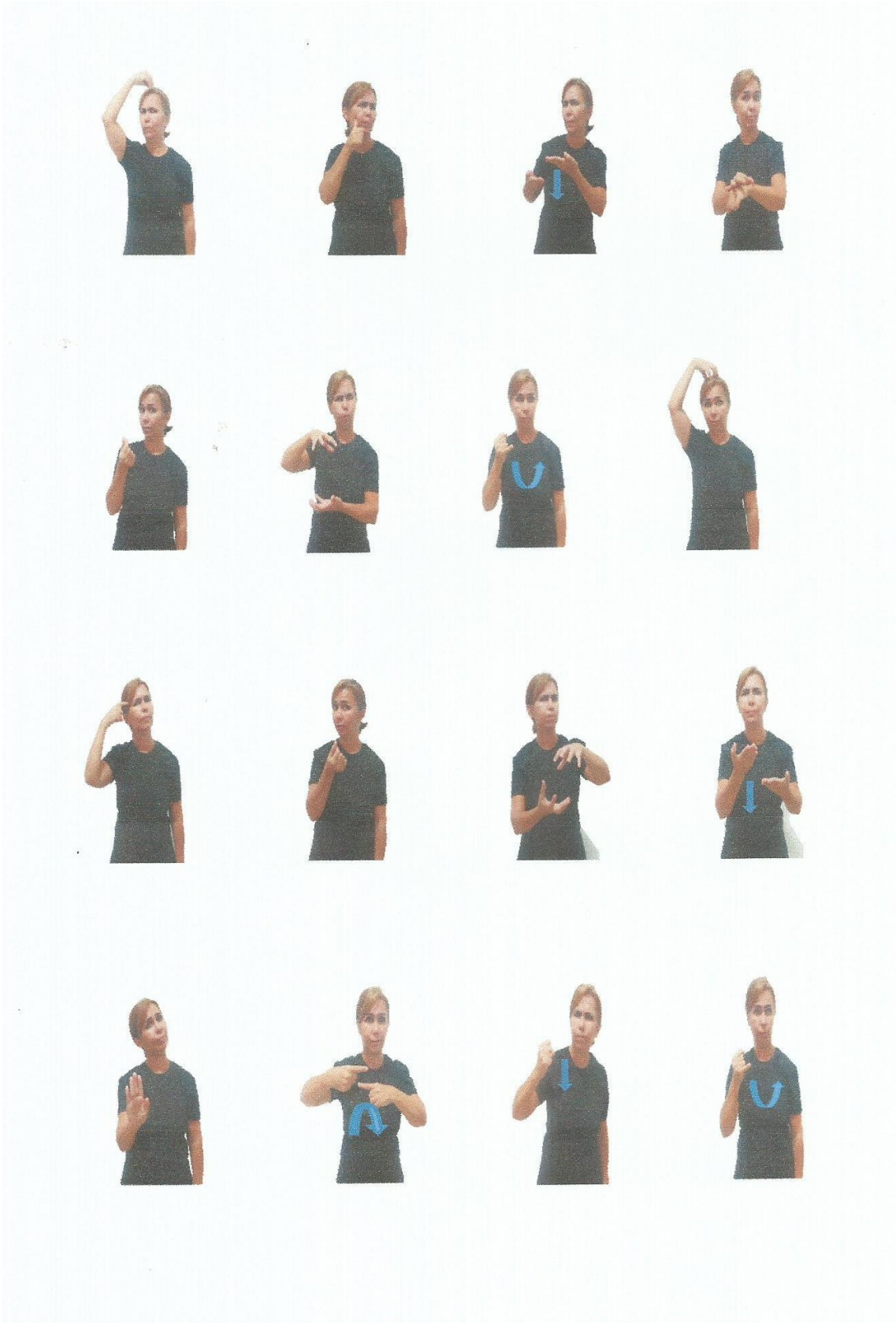




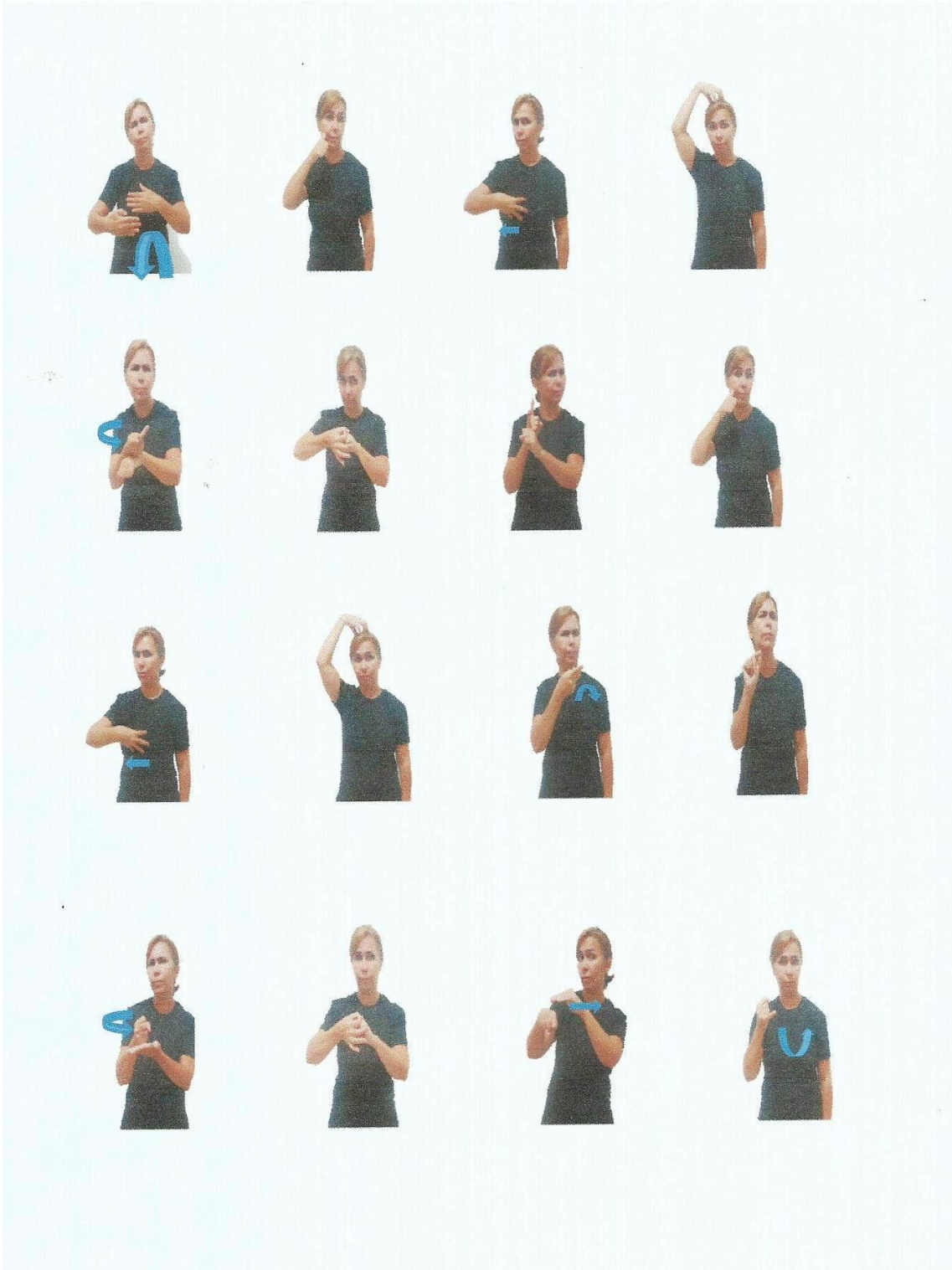




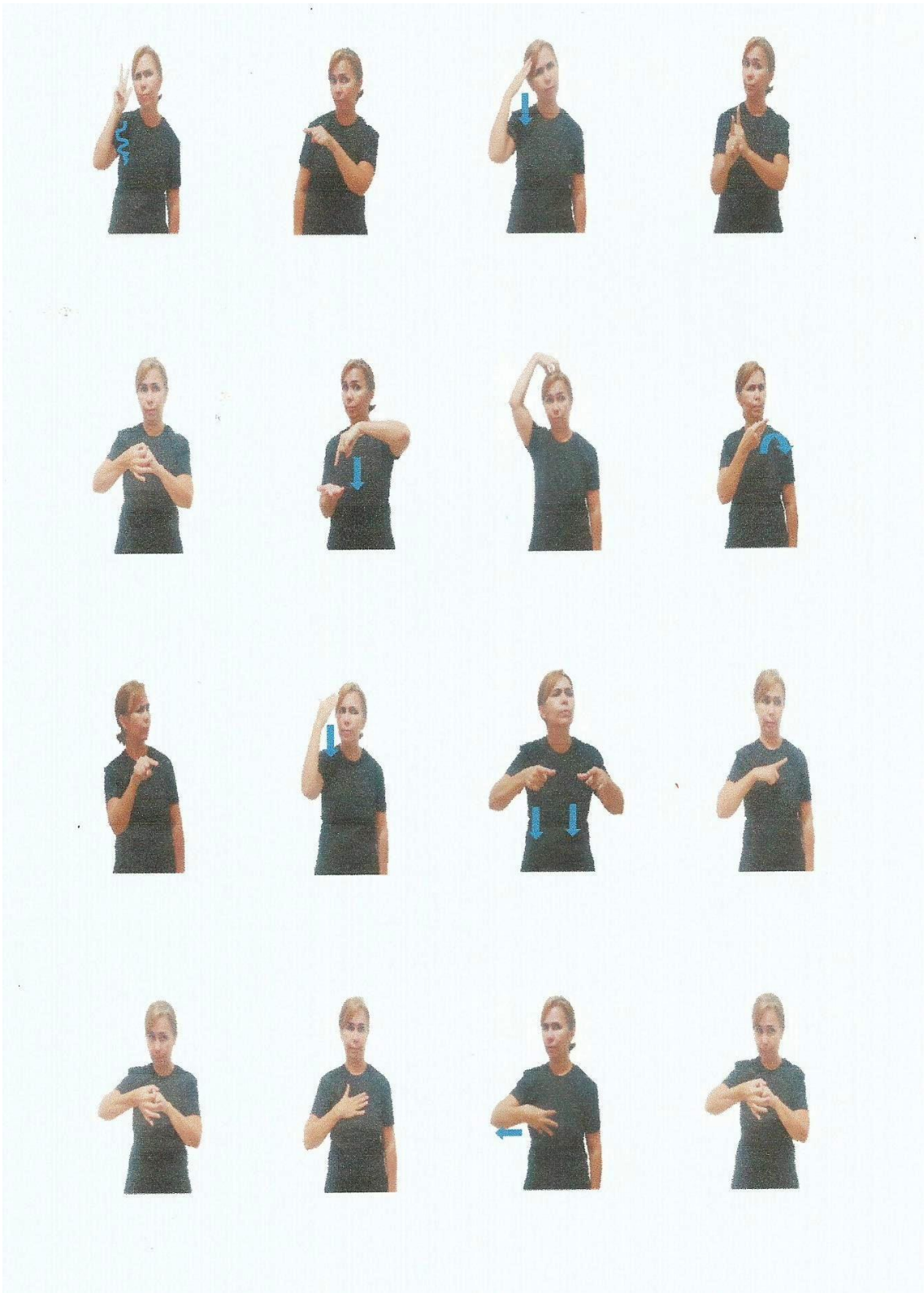


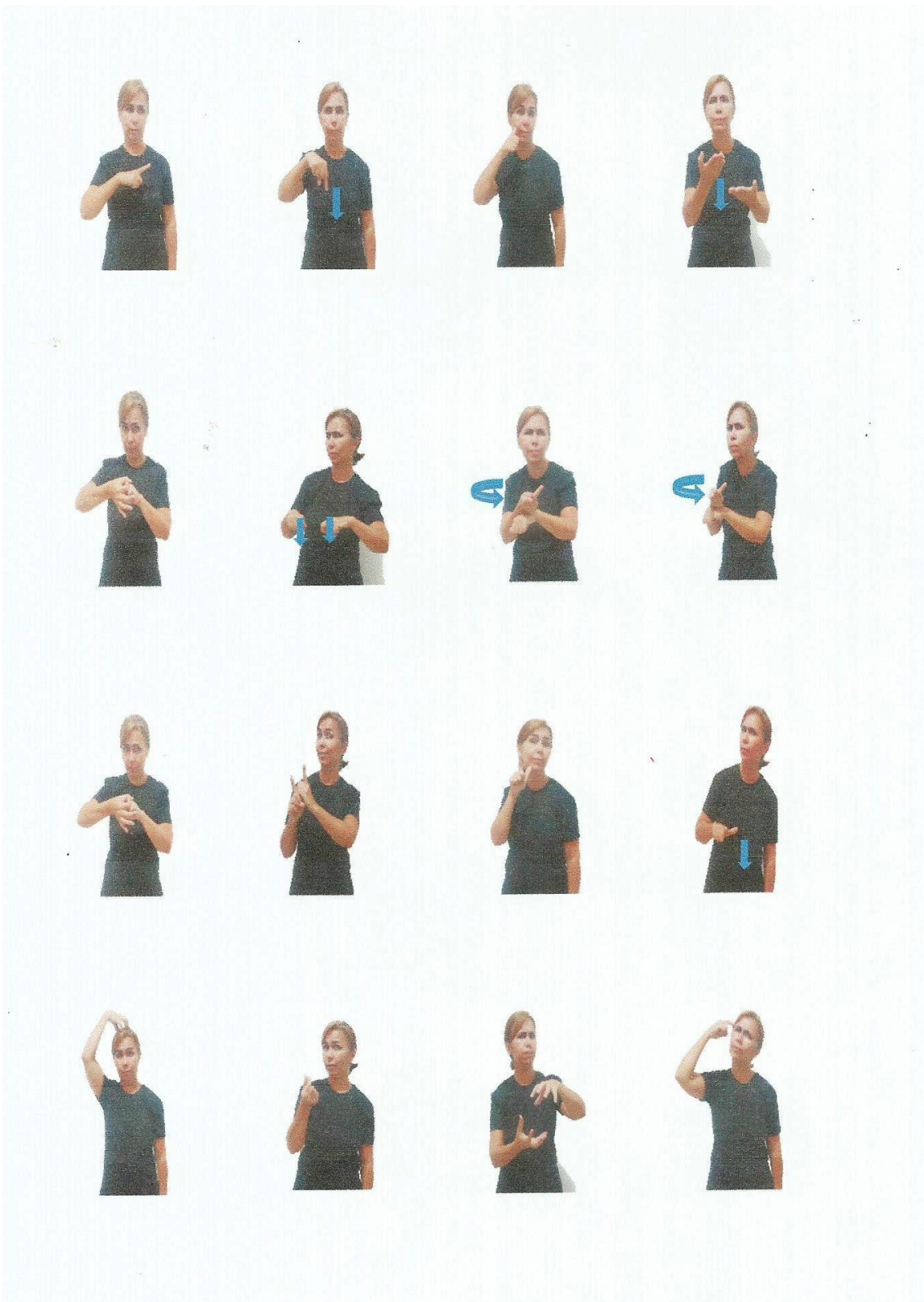


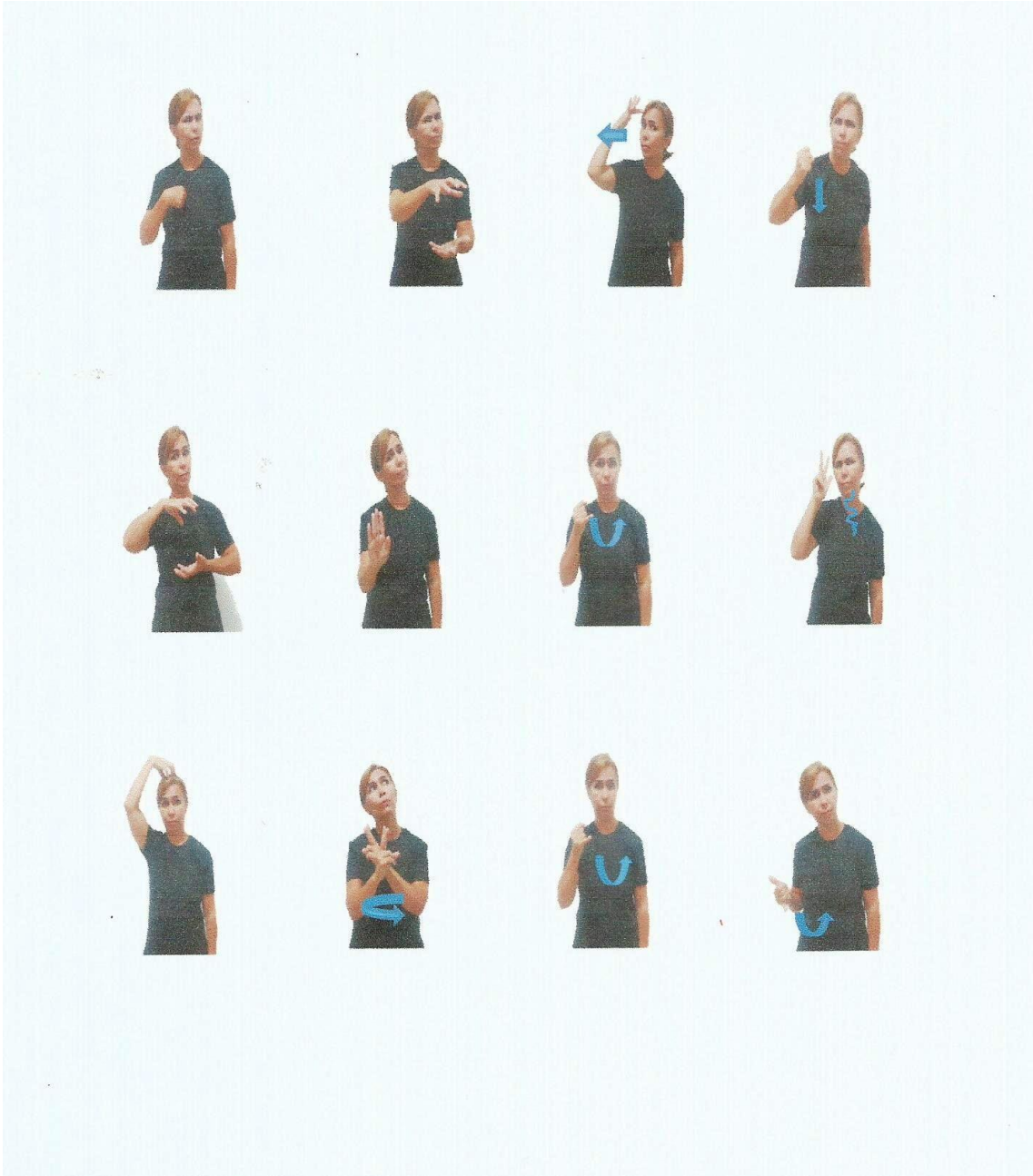








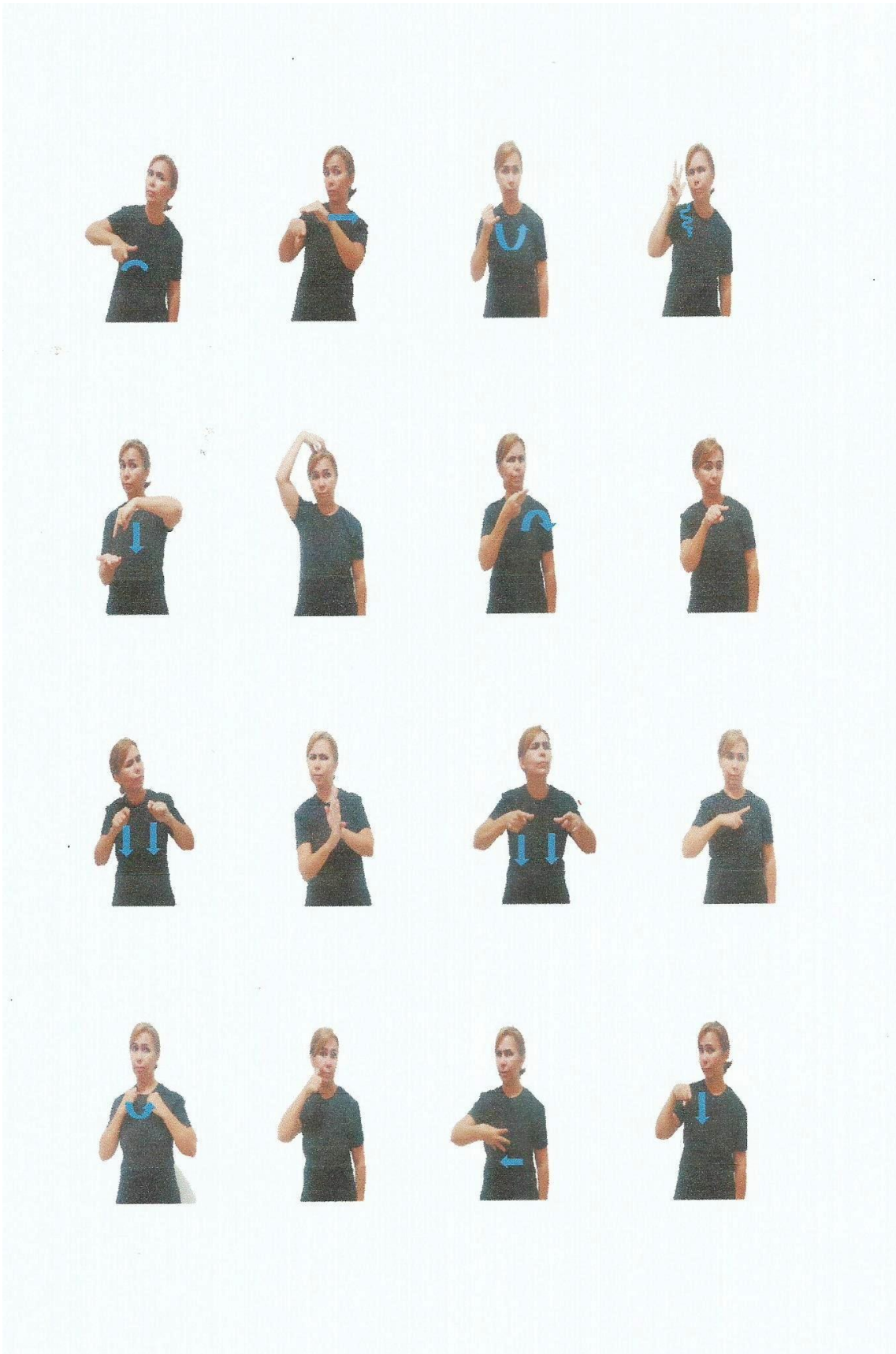








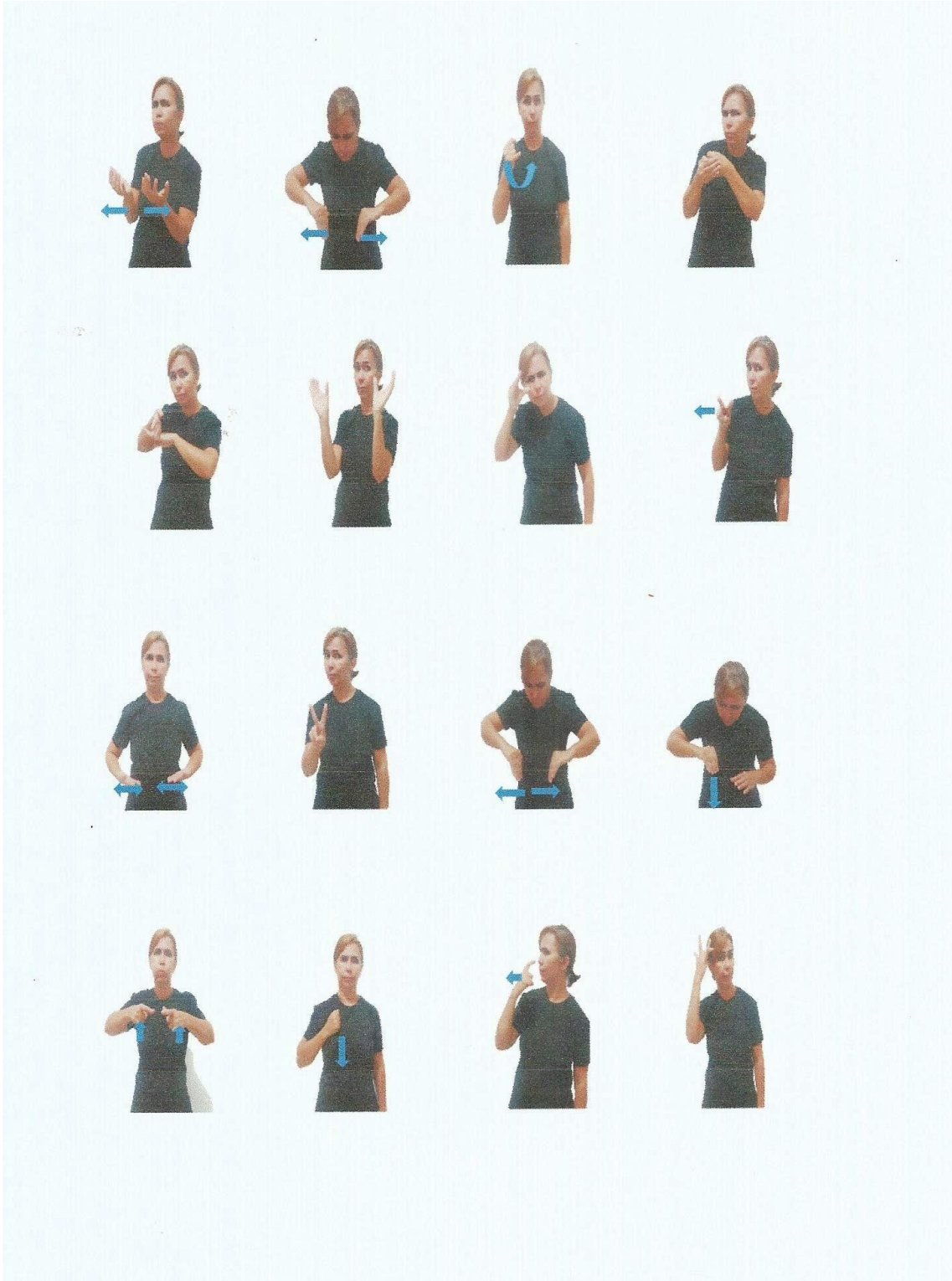






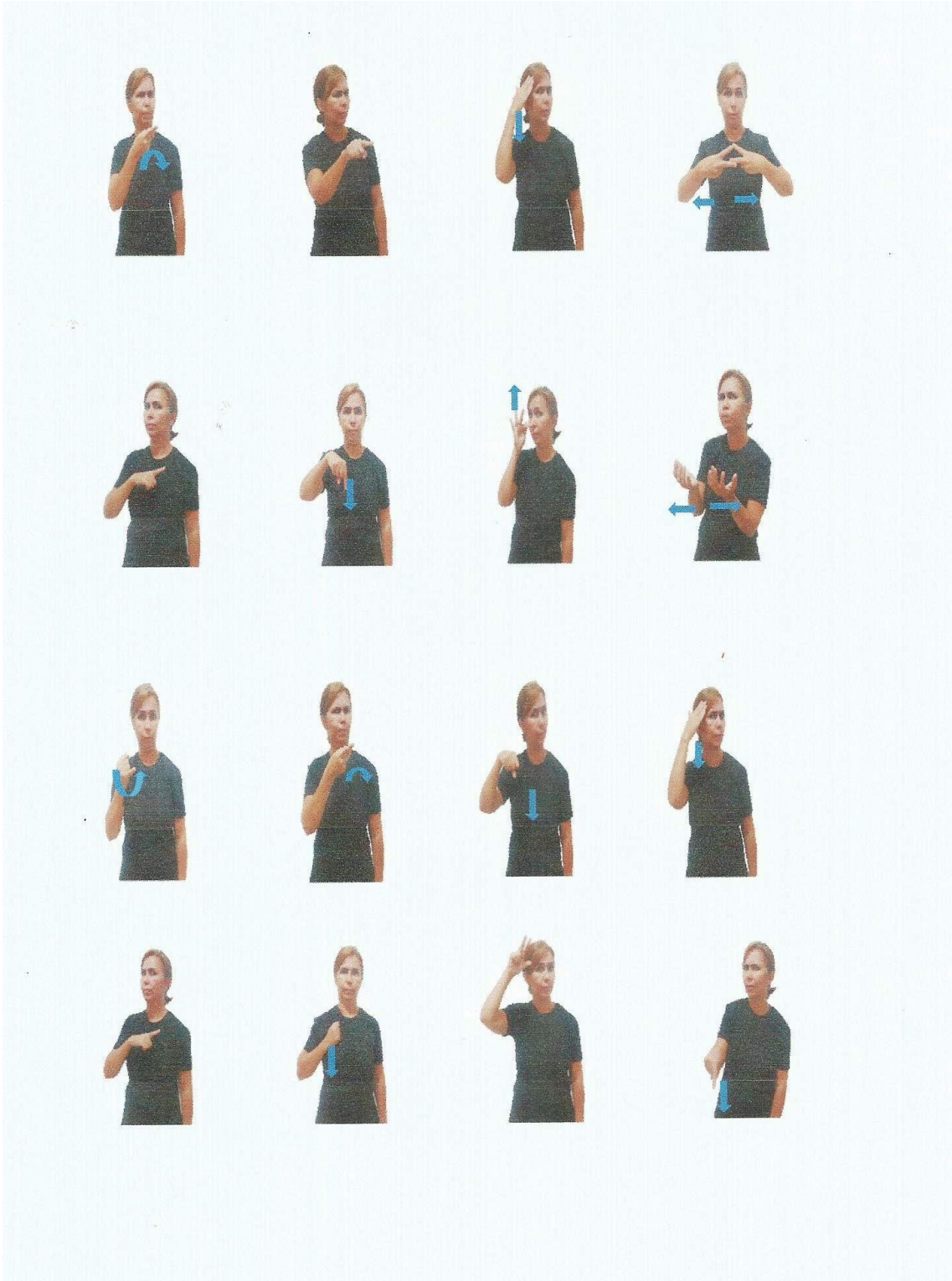








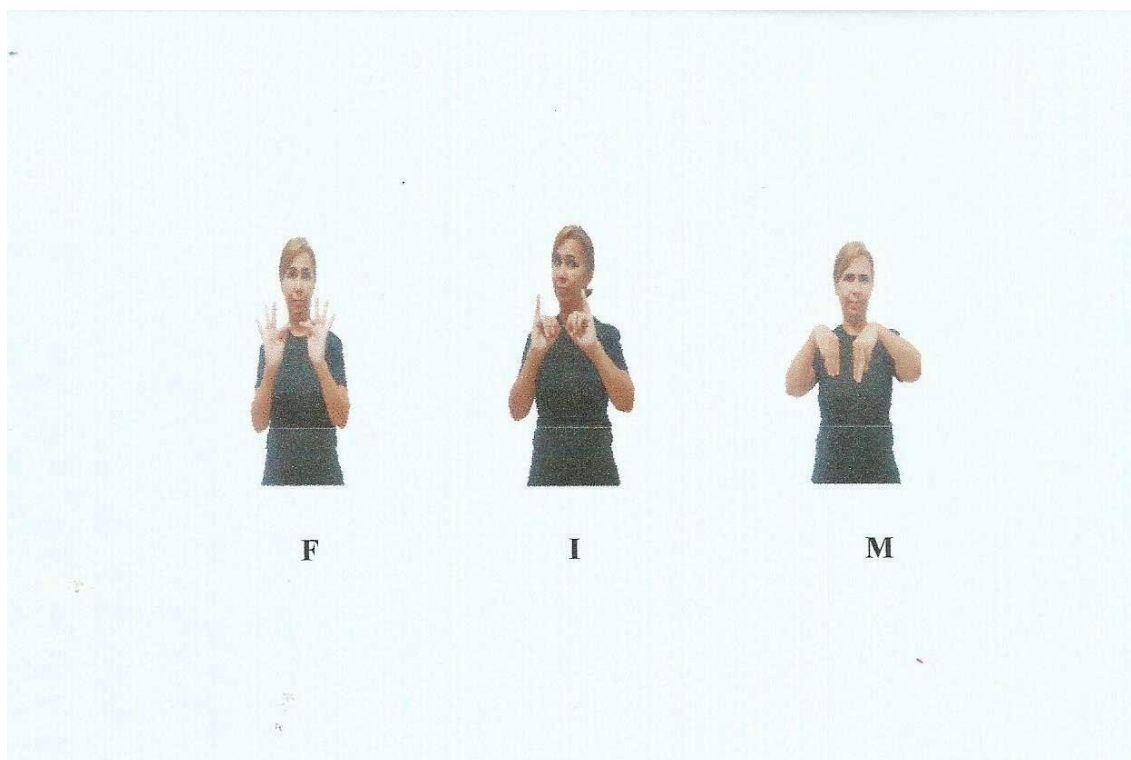












## ANEXO

### JOSÉ ADIVINHADOR

Texto original extraído do livro “*Estórias de Luzia Tereza*” de Altimar Pimentel (2001) vol. 3 p.190-192.

Esse José Adivinhador era casado. Um dia, ele disse à mulher:

- Eu vou sair pelo mundo. Só venho em casa quando arranjar um dinheiro.

Saiu ele. Andou, andou, andou. Chegou assim numa casa, arranchou-se. Numa casa. Agora ele dizia eu era adivinhador, mas não adivinhava não. Era o apelido dele. O apelido dele.

Onde ele se aranchou, o dono da casa perguntou:

— Meu senhor, como é o seu nome?

— Eu me chamo José Adivinhador.

— E, é! É?

O dono da casa foi contar ao rei:

— Rei meu senhor, aqui na nossa cidade chegou um homem de fora. Diz que é adivinhão. Adivinhador.

O rei disse:

— É?

— É.

— Após bem. Eu vou mandar chamar ele aqui.

— Mandou chamar ele. O rei mandou chamar José Adivinhador.

— José Adivinhador, você diz que é adivinhão?

— Sou, rei meu senhor.

Ele chegou, estava assim o relógio do rei. Ele chegou, roubou. Roubou o relógio e o rei não viu. E foi-se embora para onde estava arranchado.

O rei haja procurar o relógio, procurar. Quando foi de noite, José Adivinhador botou o relógio no capim, debaixo de uma roseira do jardim do palácio do rei. Ele botou o relógio e cobriu.

Aí o rei disse assim:

— Vá me chamar José Adivinhador para ele adivinhar onde está meu relógio. José Adivinhador disse que adivinhava...

Foram chamar.

— É, rei meu senhor, pode procurar que o relógio está aqui no seu jardim.

Procuraram, procuraram, encontraram o relógio.

O rei zangou-se.

— Foram essas meninas que perderam meu relógio!...

Deu um bocado de dinheiro a José – um saco de dinheiro desde tamanho!

Disse: “Ele ganhou meu dinheiro e depois eu mato ele e fico com o dinheiro.”

Sim. Quando José estava na casa do rei para adivinhar onde estava o relógio, ele roubou o anelão da princesa, escondeu e foi-se embora para casa.

Quando a princesa caçou o anel que não achou, disse:

— Roubaram o meu anel!

Quem foi? Quem não foi? E bate aqui, bate acolá, nada de encontrar aquele anel!

— Vamos chamar José Adivinhador para ele adivinhar onde está o anel da princesa.

Ele adivinhava porque ele vinha de noite enterrar, sabia onde estava, ia bater na certa.

Ele chegou:

— José Adivinhador, quero que você me amostre onde é que está o anel da princesa que roubaram.

Ele disse:

— Rei meu senhor, pode caçar no quintal aqui do seu palácio que está por aqui mesmo, que as meninas perderam. As meninas perderam o anel da princesa.

Caçaram, caçaram, caçaram, acharam o anel. Acharam o anel!

O rei disse:

— É.

Pegou outro saco de dinheiro deste tamanho deu a José Adivinhador. “É. Eu dou este dinheiro, mas eu mato ele, fico com o dinheiro.”

Foi. Dessa vez, José Adivinhador roubou um colar de ouro.

No outro dia, o rei mandou chamar ele.

— José, eu mandei lhe chamar para a você adivinhar onde está o colar de ouro da princesa.

José tinha engalhado o colar assim num pé de rosa.

— Rei meu senhor, cace no seu palácio que ele está engalhado numa roseira.

Acharam aquele colar dependurado.

— Está muito bem!

Pronto! Três: o relógio, o anel e o colar.

O rei deu outro tanto de dinheiro assim a José Adivinhador.

Fizeram três sacos de dinheiro. Três! Disse: “Eu vou dar fim à José Adivinhador! Agora eu vou inventar uma adivinhação que essa ele não adivinha! Eu mato ele e fico com o dinheiro.”

Três volumes de dinheiro!

O rei mandou comprar um potinho de barro deste tamanhinho, encheu de cocô e enterrou lá no quintal do palácio. Nas quintas do rei, que era para José adivinhar. Era a derradeira adivinhação, ouviu?

Aí, José andava de noite pela rua, viu duas pessoas enterrando aquele volume assim no quintal do palácio do rei. Uma das pessoas disse assim:

— Fulano... Fum! Está fedendo! Vamos enterrar logo que está fedendo.

Ele viu no quintal do rei. Nas quintas. Enterraram aquilo direitinho e forma-se embora.

José disse: — “Ah! Já sei”!

No outro dia, o rei mandou chamar José. “É agora! É agora que eu vou matar ele, que ele não adivinha o que está enterrado! Ele não adivinha.”

José chegou no palácio, o rei disse:

— José Adivinhão, eu quero que você adivinhe o que é que está enterrado. Nas minhas quintas.

Ele disse:

— Rei meu senhor, um bocado de cocô num potinho de barro.

Aí, ganhou! Pronto.

— Pegue seu dinheiro, se suma da minha vista, senão você acaba com meu tesouro!

Quatro, Quatro volumes de dinheiro! Quatro!

José pegou aquele dinheiro, juntou aquele dinheirão todinho, foi-se embora para casa.

Foi-se embora ele. Muito contente. Muito satisfeito.

Chegou em casa:

— Está, mulher! Eu não disse a você que só vinha aqui quando arranjasse uma grande felicidade, uma grande fortuna! Arranjei, vim-me embora. Agora não vou andar para canto nenhum. Agora nós vamos futurar a vida!

Pronto terminou.